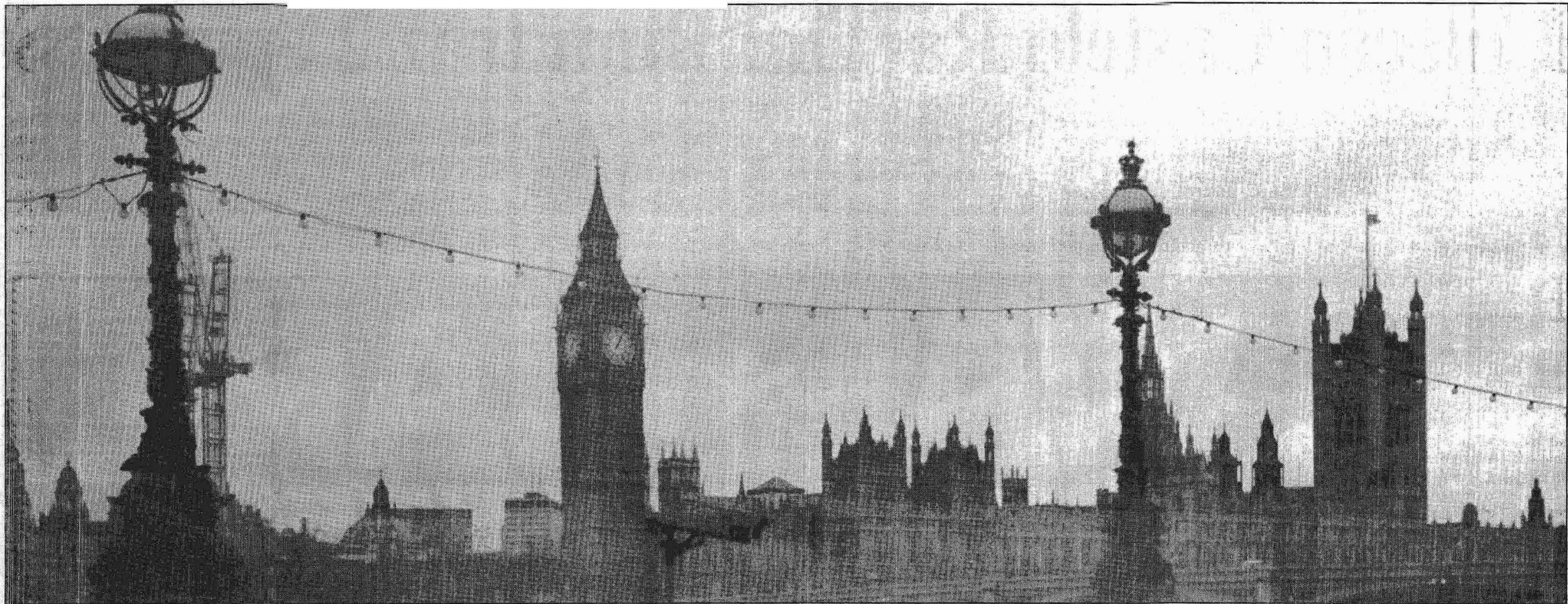




Em busca do tempo perdido: tentativa de reduzir defasagem do desempenho escolar dos ingleses em relação aos padrões internacionais põe fim a décadas de discurso educacional igualitarista.

Inglaterra faz reforma no sistema educacional

31

Cerne da mudança é ampliação das aulas de matemática e inglês e redução da carga horária de história, geografia, música e educação física para crianças

LEONARDO TREVISAN

Especial para o Estado

Londres – O governo trabalhista iniciou um ciclo de reformas no sistema educacional britânico. As mudanças atingem todo o ensino público, incluindo desde revisões orçamentárias até propostas de alterações curriculares. O cerne da reforma é a ampliação das aulas de matemática e inglês e a diminuição da carga horária de história, geografia, música e educação física para crianças.

O objetivo é reduzir a defasagem do desempenho escolar dos ingleses em relação aos padrões internacionais. A reforma é a resposta do governo Blair ao “fracasso” da escolaridade primária, mas a pretensão é pôr esforços em uma ampla reforma de todo o currículo básico, atingindo todos os 11 anos de escolaridade obrigatória. Além do inglês e da matemática, serão pri-

vilegiadas também a ciência e as informações tecnológicas. A reforma estaria dando apenas seus primeiros passos no ensino primário.

Além da reforma curricular e das pressões pela melhoria do sistema, outras alterações estão em pauta. O secretário da Educação e do Emprego, David Blunket, está entusiasmado com o desempenho das chama-

das “specialists schools” (uma inovação do governo anterior, conservador), que desenvolveram um sistema de ensino “centrado em determinada área”, com opções definidas: tecnologia e informática, estudo de línguas,

arte (dirigida ao design) e esportes. A grande diferença é que essas escolas especializadas reúnem clientela selecionada a partir da aptidão do aluno. Na prática, congregam uma espécie de elite de educandos e professores, mas obtêm resultados educacionais semelhantes aos das melhores escolas privadas no exame fi-

nal que todo estudante britânico de 16 anos é obrigado a fazer.

Blunket afirmou que o Estado tem o direito de “apadrinhar talentos” e gastar o dinheiro público da melhor forma possível. Ele atacou os que “vivem no passado” e querem ver “igualdade, no sentido de uniformidade para tudo”, afirmando que esse comportamento está apenas impedindo que a escola pública capacite melhor os que têm talento. Blunket anunciou também que o programa das “specialists schools” avançaria de 300 mil para 400 mil alunos no governo Blair, passando a ser o “modelo de escola” perseguido pelo governo.

Essas afirmações bombásticas deixaram para trás pelo menos um século de concepção educacional trabalhista. Representam significativa mudança na concepção de educação pública. Selecionar por aptidão, apadrinhando talentos, foram máximas vetadas em décadas de discurso educacional igualitarista.

Baixo desempenho – No início do mês, o governo divulgou a mais recente avaliação do desempenho escolar das crianças de 11 anos, cursando o equivalente à 5.ª série brasileira. Pesquisou-se o conhecimento de inglês e matemática e o resultado surpreendeu de forma negativa: apenas 54% das crianças sabiam o míni-

mo que, oficialmente, deveriam saber. Há quatro anos, o governo estabeleceu como meta que pelo menos 70% do universo dessas crianças atingisse o conhecimento mínimo exigido nessas disciplinas.

David Blunket comprometeu-se a melhorar os índices nacionais. Disse que, em 2002, 80% dessas crianças terão conhecimento suficiente da língua inglesa. No caso da matemática, esse percentual exigido cai para 75%. Blunket foi além na promessa: falou em “renúncia” caso esses números não sejam atingidos.

A reforma curricular, porém, não é a única arma anunciada pelo governo para reduzir a diferença de desempenho entre o estudante inglês e seus colegas europeus. A nomeação de Chris Woodhead, um qualificado scholar, para o cargo de inspetor-chefe das escolas, foi divulgada pelo governo como um “equilíbrio entre a crítica e o elogio”.

Woodhead, no entanto, preferiu utilizar mais a crítica: mostrou dados oficiais que comprovam que 13 mil dos 200 mil professores britânicos são “reconhecidamente incompetentes”. Ele disse também que pe-

lo menos uma em cada seis aulas no ensino primário e uma em cada dez no secundário são consideradas “totalmente insatisfatórias”. Os dados constam do relatório de uma comissão independente de avaliação do sistema escolar.

O inspetor-chefe mostrou a existência de 773 mil lugares excedentes (11% do total) nas escolas públicas britânicas, por causa do “mau uso de recursos”. Desde a nomeação de Woodhead, em setembro de 97, foram fechadas 18 escolas e seus alunos redistribuídos pelo restante da rede de ensino.

O governo enfatiza a faixa etária dos 11 anos, mas sabe que o problema é anterior. Dados oficiais mostram que 78% das crianças de

7 anos alcançam o conhecimento exigido em leitura, mas, aos 9 anos, apenas 61% delas têm o desempenho esperado. No inglês escrito, a queda é ainda mais significativa: aos 7 anos, 80% do universo atinge os objetivos, enquanto, aos 9, apenas 56%. Os números são quase os mesmos em matemática: aos 7 anos, 81% das crianças saem-se bem, e, dois anos depois, apenas 58% chegam aos resultados esperados.

SECRETÁRIO
JÁ FECHOU
18
COLÉGIOS